



ACM foi “Malvadeza”, usou ironia e, raras vezes, emocionou-se

ACM afunda atirando

Antonio Carlos renuncia e reincorpora fama de malvado

Ao fazer o discurso de 20 páginas anuncian-
do sua renúncia ao mandato, o senador Antonio
Carlos Magalhães abandonou o papel de homem
cordial com que buscou, inutilmente, apoio dos
seus pares. Ontem, reassumiu a agressividade
que o notabilizou e o distinguiu nos 47 anos de
carreira política. Exetuados os raros momentos
de emoção quando, por exemplo, referiu-se à
memória do filho Luís Eduardo Magalhães, ele
xingou os adversários, criticou o governo e tentou
fazer da renúncia um trampolim para a sua
volta: “Retornar à Bahia é recuperar o ânimo e
as forças para voltar, em breve, a esta Casa. Ou
além dela.” Fora isso, ACM atirou em várias di-
reções. Mirou direto no presidente Fernando Henrique,
a quem acusou de ter “vaidade excessiva”. Atirou a esmo no governo: “Ninguém é
capaz de dizer como foram empregados os re-
cursos das privatizações.” E despejou insinuação
maldosa sobre o governo dos tucanos: “E daí?
Escondem-se os rombos e os escândalos? Por
quê? Estamos na república dos avestruzes?” Por
duas ou três vezes, dirigiu-se ao senador Jader
Barbalho, presidente da Mesa do Senado, que
decidiria agora o processo de cassação. Antonio
Carlos disse que não poderia depender do “voto

de Minerva” de Jader para ser “oficialmente condenado” ou para obter uma “absolvição compro-
metedora”. E explicou: “Não me ficaria bem, de-
pois de tantas acusações sérias que fiz contra
Vossa Excelência, depender de sua benesse para
continuar senador.” ACM bateu duro, mas, ao
descer da tribuna e cruzar a porta do gabinete,
desabou em choro. (Páginas de 2 a 13)